
**CRISE DO MARXISMO E STALINISMO: NOTAS SOBRE ALGUMAS POSIÇÕES DE
LOUIS ALTHUSSER – 1976-1978**

**CRISIS DEL MARXISMO Y STALINISMO: NOTAS SOBRE ALGUNAS POSICIONES DE
LOUIS ALTHUSSER – 1976-1978**

**THE CRISIS OF MARXISM AND STALINISM: NOTES ON SOME PROPOSITIONS OF
LOUIS ALTHUSSER– 1976-1978**

Fabrizio Carlino¹

Tradução de Ana Paula Schlesener e Maria de Fátima Rodrigues Pereira²

Revisão de Anita Schlesener

Resumen: Problemas práticos e teóricos centrais na história do movimento operário, como o stalinismo, a crise do marxismo, a crise internacional e a possibilidade de revolução se encontram, no pensamento de Althusser, estreitamente vinculados. Tais problemas giram em torno da relação entre política, Estado e Partido e recaem sobre a questão da eficácia da ideologia. Buscaremos ver de que modo se articulam estas relações a partir das intervenções mais significativas pertencentes aos “escritos da transição”, entre 1976 e 1978, com os quais Althusser se pronunciou sobre algumas questões imediatamente políticas.

Palavras-Chave: Política. Crise. Marxismo. Stalinismo. Louis Althusser.

Resumen: Problemas prácticos y teóricos centrales en la historia del movimiento obrero, como el stalinismo, la crisis del marxismo, la crisis internacional y la posibilidad de revolución se encuentran en el pensamiento de Althusser, rigurosamente vinculados. Estos problemas circulan en vuelta de la relación entre la política, Estado y Partido y recaen sobre la cuestión de la eficacia de la ideología. Procuráremos asistir de qué manera se articulan estas relaciones a partir de las intervenciones más importantes pertenecientes a los “escritos de la transición”, entre 1976 y 1978, por los cuales Althusser ha se pronunciado con respecto a algunas cuestiones inmediatamente políticas.

Palabras-clave: Política. Crisis. Marxismo. Louis Althusser.

Abstract: The central theoretical problems and the practical problems in the history of labor movement, like the Stalinism, the Marxist crisis, the international crisis, and the possibility of revolution, are closely bound in the Althusser Thoughts. Those problems revolve around the relation between Politics, State and Party, and they fall upon the question of ideology effectiveness. We'll try to see in which way these relations are articulated, based on the significant interventions belonging to the “transition's writings”, between 1976 and 1978, with which Althusser has ruled about political questions.

Key words: Policy. Crisis. Marxism. Stalinism. Louis Althusser.

Problemas práticos e teóricos centrais na história do movimento operário, como o stalinismo, a crise do marxismo, a crise internacional e a possibilidade de revolução se encontram, no pensamento de Althusser, estreitamente vinculados. Tais problemas giram em torno da relação entre política, Estado e Partido e recaem sobre a questão da eficácia da ideologia. Buscaremos ver de que modo se articulam estas relações a

partir das intervenções mais significativas pertencentes aos “escritos da transição”, entre 1976 e 1978, com os quais Althusser se pronunciou sobre algumas questões imediatamente políticas³.

Crise do imperialismo e crise do movimento comunista internacional.

A intervenção que inaugura esta fase remonta a dezembro de 1976 quando Althusser, a convite do “Círculo de filosofia da união dos estudantes comunistas”, introduz o debate na Sorbonne. Publicada no ano seguinte⁴, a conferência tinha como objeto as iniciativas tomadas pelo PCF no curso do seu XXII Congresso, ocorrido alguns meses antes, em cujo centro estava a escolha de abandonar a ditadura do proletariado e de colocar, como objetivo final da luta de classe, o socialismo⁵, o qual perdia, assim, o seu caráter de fase de transição para ser entendido, a todos os efeitos, como modo de produção estável. A crítica destas posições da parte de Althusser é, na realidade, uma ocasião para colocar sobre a mesa as questões que considera mais urgentes para o movimento comunista internacional, para lê-las, ao menos aparentemente, à luz da situação política mundial, tendo em consideração as teses clássicas do marxismo sobre o Estado. A intenção parece clara desde o início: “É indispensável tomar distância e situar o XXII Congresso no seu tempo, 1976: na história do imperialismo “período das revoluções” (Lênin), e na história do movimento comunista internacional”⁶. E é no lugar em que se cruzam a “história do imperialismo” e a “história do movimento comunista internacional” que Althusser coloca a sua análise da crise, visto que “se o imperialismo está em crise é necessário considerar: o movimento comunista internacional também”⁷.

Recordemos que, dez anos antes, em um artigo sobre a Revolução Cultural chinesa, Althusser tinha afirmado, com grande força, que aquilo que acontecia em um país socialista era distinto da conjuntura mundial, porque “A conjuntura que explica a R. C. (Revolução Cultural) é essencialmente anterior ao socialismo”⁸. A história do “movimento comunista internacional” parece ter, nessas páginas, uma espécie de autonomia absoluta, desenvolvendo-se de modo totalmente independente da “história do imperialismo”. “É preciso não se iludir com a conjuntura. Não é necessário ir procurar problema[...] na conjuntura “mundial” (agressão imperialista)[...]. É preciso procurar na conjuntura da revolução socialista chinesa e mais ainda na conjuntura interior dos países socialistas”⁹.

Portanto, em 1966 se afirma que a compreensão de um problema relativo a uma fase histórica do movimento comunista não passa pela compreensão da situação a nível mundial, com a grave consequência que as condições do imperialismo parecem não ter efeito sobre o desenvolvimento dos países socialistas. Entretanto, como dissemos, na intervenção no XXII Congresso se propõe uma tese que vai na direção oposta: a compreensão de um objeto histórico se torna possível somente na interseção da compreensão da conjuntura mundial e da conjuntura interna ao movimento comunista internacional. Essa inversão certamente pode levar a adicionar ao elenco daqueles auto-aniquilamentos que levaram Balibar a excluir que se possa falar de uma “obra de Althusser” ou de uma “teoria de Althusser”¹⁰; mas no curso dessa exposição veremos como a importância reconhecida à situação internacional não é essencial para a

tese sustentada e como, em substância, funciona, tanto na análise da Revolução Cultural quanto na crítica das posições de PCF, o mesmo dispositivo teórico.

De fato, é inegável a insistência sobre a determinação das posições do movimento operário da parte da situação política geral, dado que se chega a sustentar a impossibilidade de compreender o XXII Congresso “Se não se tem em conta dois grandes fatos que dominam a situação política”¹¹. Os dois “grandes fatos” são precisamente “1. de um lado o agravamento da crise do imperialismo; 2. do outro a acentuação da crise do movimento comunista internacional”¹². Aparentemente a inversão da tese sobre a relação história do imperialismo - história do marxismo se explica fazendo uma simples investigação. Na última passagem citada os termos que antes eram colocados em uma relação causal (se o imperialismo está em crise, o está também o “movimento comunista”) agora parecem correr em paralelo: crise do imperialismo e crise do movimento comunista concorrem para determinar as escolhas do PCF, mas um *d'une part*, e outro *d'autre part*. Se nos movemos no campo teórico do último Althusser, podemos dizer que do encontro de dois elementos independentes surge o momento decisivo do XXII Congresso.

Em outros termos se, de um lado, houve uma mudança importante, ou seja, que na conjuntura mundial se reconhece uma eficácia imprescindível sobre um momento do movimento comunista, de outro se sublinha como o objeto específico, o XXII Congresso, nasce sim do entrecruzamento de duas crises, mas não forneça algum elemento teórico que permita levantar a hipótese que entre elas subsista uma relação dialética. Crise do imperialismo e crise do movimento comunista, embora ambas participando na determinação de um evento, permanecem independentes e nada, nas intervenções que estamos analisando, nos autoriza a pensá-las em conexão dialética.

Como prova disso, temos a simples constatação do fato que, depois de haver declarado a necessidade de inserir o XXII Congresso também no quadro da situação mundial, esta última não intervém mais no desenvolvimento das argumentações. Os problemas do movimento comunista, que se manifestem na Revolução Cultural ou que apareçam no congresso do partido são, de fato, na exposição concreta, sempre colocados no interior da história do marxismo, que se vê, assim, atribuir paradoxalmente as características de autonomia e de auto-suficiência. Também as dificuldades do PCF na verdade são reconduzidas no âmbito do marxismo e as crises do imperialismo valem somente nos limites nos quais dão liberdade de ação ao movimento operário. Na verdade declara-se uma conexão entre crise e revolução, mas esta é pensada nos termos da possibilidade de inserir-se, da parte de um movimento de massa, nos espaços deixados abertos pelo imperialismo. Na atual crise pré-revolucionária, escreve Althusser, “qualquer coisa é possível no estreito espaço onde as forças de influência podem se neutralizar, e lá onde o movimento de massas é bastante forte”¹³.

Em consonância com a opção anti-voluntarista, que Althusser abraça desde suas primeiras intervenções e que nunca abandonará, a revolução não podia deixar de ter uma base objetiva, representada aqui pelas condições da crise pré-revolucionária; entretanto, em consonância com a crítica a todo determinismo e mecanicismo, coerentemente com a recusa de toda teleologia mais ou menos escondida – outra constante na sua produção teórica – tal nexos crise-revolução não podia deixar de ser pensado nos

limites da categoria de possibilidade. Completamente coerente com esta impostação que a crise econômica que atravessa o capitalismo se limite a dar uma ocasião ao movimento operário, ou seja, que os efeitos da crise necessariamente devam passar pelo poder e que, portanto, a revolução se decida na interseção de tantos outros fatores: “a crise econômica do imperialismo mina o poder e dá mais chances à luta de classe trabalhadora e popular”¹⁴.

Dos anos trinta às lacunas de Marx

Mas aquilo que nos interessa mostrar aqui é que a crise, enquanto produtora de uma situação potencialmente revolucionária, embora venha declarada ligada à crise econômica do imperialismo, na realidade é pensada por Althusser ao nível no qual é *crise interna ao movimento* comunista internacional, uma crise reconduzida à *crise teórica* do marxismo que, por sua vez, encontra as próprias raízes em algumas importantes lacunas, também essas naturalmente teóricas, presentes nos textos do próprio Marx. As três crises pré-revolucionárias que ele identifica, na intervenção no congresso do PCF – antes da crise atual (1976) há a crise que desemboca na primeira guerra mundial e a crise dos anos trinta¹⁵ – têm como núcleo não o desenvolvimento do capitalismo, mas o stalinismo entendido como ponto de junção de uma série de erros teóricos, que se manifestaram como ideologias, infiltrando-se nos vazios da obra de Marx.

No relatório apresentado em novembro de 1977 em Veneza, para um evento organizado pelo Manifesto, podemos assistir a uma clara mudança da concepção de crise, como crise *teórica e interna ao marxismo*. Afirma-se que por crise do marxismo se entende “um fenômeno que concerne, à escala histórica e mundial, as dificuldades, as contradições, os impasses nos quais se encontram hoje engajadas as organizações revolucionárias de luta de classe que se inspiram da tradição marxista”¹⁶ e que, como se lê na tradução italiana, “bem entendido, vai além da ‘teoria marxista’”. Porém, para tornar nula esta declaração há o simples fato que também neste texto não se apresenta alguma análise séria da conjuntura “em âmbito mundial” nem se faz menção, senão como acenos meramente descritivos, à história das lutas das organizações que se referem ao marxismo. Ao invés disso, a exposição se concentra precisamente sobre a “teoria marxista”: a crise é remetida aos anos trinta, ou seja, ao stalinismo, que tem a sua origem nas lacunas do materialismo histórico e dialético. E a redução do stalinismo à sua raiz teórica não é simplesmente ocasional. No curso de uma conversação com F. Navarro, em 1984, sobre o tema *Filosofia e marxismo*, tal redução chega a configurar-se como redução parcial dos horrores do stalinismo a erro filosófico na forma do materialismo dialético: “a estratégia política de Stalin e toda a tragédia do stalinismo foram, em parte, causadas pelo ‘materialismo dialético’”¹⁷.

Na metade dos anos 70, portanto, a crise explodiu; mas trata-se de uma crise puramente teórica e toda interna ao marxismo. “Se a crise que vivemos explodiu, se ela se tornou visível, é ao término de um longo processo onde ela estava encoberta sob formas que a impediam de aparecer.”¹⁸ A crise, ainda que tenha explodido somente agora, está longe de ser recente. Mas atenção, não tem raízes em uma crise econômica, historicamente determinada: remete-se aos anos trinta e tornou-se, abertamente, “crise do marxismo”¹⁹. E é naqueles anos que “ao mesmo tempo em que ela se nutria, ela estava escondida” e é

sempre naqueles anos que “o marxismo [...] boqueou e congelou em fórmulas teóricas uma ordem e práticas impostas [...] pela direção histórica do estalinismo”²⁰.

Parece ser Stalin, a esse ponto da análise, o principal responsável da explosão da crise mundial ou ao menos daquele evento que, por uma mudança conceitual, tornou-se “crise do marxismo”. “Ao organizar os “problemas” do marxismo [...] à sua maneira, Staline impôs-lhe soluções que tiveram o efeito de bloquear a crise provocada ou reforçada por eles. Usando de violência para com o que era marxismo e suas dificuldades, Staline provocou uma grave crise no marxismo, mas, pelos mesmos meios, bloqueou e impediu sua explosão”²¹.

De acordo com o dito até agora, a “crise atual” (1976) não é interrogada nas suas ligações com a crise do capitalismo e é, na sua essência, uma crise teórica que pertence exclusivamente à história do marxismo e **deriva** da crise dos anos trinta. Vimos, porém, que os anos trinta, mais que a causa, parecem ser o ponto de articulação e que também o stalinismo, por sua vez, é fruto de uma concepção errada **do** materialismo dialético. Tem razão Negri ao dizer que a “ruptura” da qual Althusser fala em Veneza, ou seja, a crise que explodiu *no* e *do* marxismo, não pode ser “vulgarmente e praticamente reduzida à análise da multiplicação dos efeitos perversos do stalinismo, a partir dos anos trinta, sobre o movimento trabalhista internacional”²². Na verdade, também no encontro veneziano, depois de haver reconduzido a crise ao stalinismo, esclarece que “não podemos, com efeito, nos afastar do assunto contentando-nos em invocar o papel de Staline. Nós não podemos considerar nossa tradição histórica, política e mesmo teórica como uma herança porque terá sido mudada por um indivíduo chamado Staline”²³.

Eis finalmente o nó: a crise atual (política e econômica) é em realidade uma crise teórica (interna ao marxismo) que tem raízes no stalinismo. Esta última passagem poderia fazer pensar que, em última análise, são os efeitos de um momento político-econômico a determinar a atual situação de crise. Em vez disso, o stalinismo é, por sua vez, efeito de uma distorção teórica, que vimos ter um nome preciso: materialismo dialético. Aquilo que produziu o stalinismo é, portanto, uma declinação particular do marxismo, possível pelo fato que “a nossa tradição teórica não é ‘pura’”,²⁴ no sentido que, coerentemente com os pressupostos de *Pour Marx* e *Lirele Capital*, se sustenta a presença, nos textos de Marx, de alguns vazios teóricos que deixam espaço às infiltrações **das** ideologias e, em particular, de conceitos pertencentes à tendência idealista. “O que nos legaram não é uma totalidade unificada e perfeita, mas uma obra comportando princípios teóricos e análises sólidas ao lado de dificuldades, contradições e lacunas”²⁵.

Portanto, estamos novamente na teoria. É na própria teoria de Marx que devemos buscar o arcano do stalinismo que, por sua vez, dá forma à crise do marxismo enquanto crise produtiva. Onde colocar estas lacunas presentes na teoria de Marx, responsáveis, ainda que indiretamente, da tragédia do stalinismo e do impasse no qual se encontra o movimento comunista internacional em 1976?

Althusser acena a dois núcleos problemáticos em torno dos quais se adensam as dificuldades inerentes à obra de Marx. Em primeiro lugar, no *Capital* vem proposta uma teoria incompleta da exploração, que se funda na concepção *contábil*²⁶ da mais-valia; mais que fazer abstrações, seja das condições de extração da mais-valia, ou seja, das condições de trabalho, seja das condições de reprodução

da força de trabalho, a teoria contábil da exploração sofre da influência idealista na ordem da exposição²⁷. uma abordagem que nos leva à segunda dificuldade, que diz respeito à relação entre a dialética em Marx e a dialética em Hegel. Esta dificuldade, que se origina sempre em uma incompletude, de uma lacuna, que se refere agora à posição *filosófica* do marxismo, encontra a sua máxima expressão, ainda uma vez, no stalinismo: “o silêncio de Marx e a dificuldade de reconstituir as suas posições filosóficas a partir da sua obra [...] abriram caminho ao positivismo e ao evolucionismo, daí o capítulo de Staline sobre o *Materialismo dialético e o Materialismo histórico* ter fixado e congelado formulas por trinta anos”²⁸. Sobre esta ordem de dificuldade no interior do marxismo Althusser fundou a quase totalidade das suas intervenções nos anos 60. A nova tese, que desencadeará um animado debate, diz respeito à indicação de um segundo núcleo problemático, ligado a “duas lacunas teóricas de grande consequência: por um lado em relação ao Estado, de outro em relação às organizações da luta de classe”²⁹. Não existe uma teoria marxista do Estado e das organizações da luta de classe. Não que Lênin ou Marx não tenham identificado a centralidade; porém, nem Lênin nem Marx foram além de uma definição negativa, limitando-se à admoestação e a negar categoricamente as concepções burguesas do Estado. Não é este o lugar para enfrentar a série de problemas que esta afirmação levanta; basta notar que não é absolutamente previsível que não exista uma teoria marxista do Estado e mesmo admitindo que nem Lênin nem Gramsci enfrentaram o problema de modo adequado, é necessário perguntar-se se a ausência de uma reflexão explícita de Marx sobre o Estado não responde a motivos teóricos políticos precisos. Em todo caso, é uma afirmação que, da parte de Althusser, surpreende; veremos porque e que se pode explicar somente se lida em conexão com a proposta de análise dos aparelhos Ideológicos de Estado.

A reflexão sobre a conjuntura política, iniciada por uma intervenção centrada sobre o abandono da categoria “ditadura do proletariado” da parte do PCF, encontra-se novamente ao centro o problema do Estado, de um lado na sua relação com o partido e com a sociedade civil e, de outro, com a base econômica. Na verdade, é para aprofundar a tese expressa em Veneza, sobre a ausência de uma teoria do Estado no marxismo, que Althusser é chamado em 1978, na onda de uma série de intervenções de intelectuais, mais ou menos próximos ao Partido comunista Italiano que, por vários motivos, contestavam a sua afirmação. Nasce assim o artigo *Il marxismo come teoria finita*, que abrirá um acirrado debate na páginas de “Il Manifesto” e que colocará ao centro, como veremos, o problema do Estado na sua relação com a sociedade civil e com o partido comunista, lido através dos *limites* do marxismo, portanto ainda uma vez colocado como problema teórico.

Que o nexos crise-revolução levasse antes de tudo a uma questão de ordem teórica vimos até agora. Ocupar-nos-emos nesse momento, mais especificamente, daquilo que parece ser o inevitável ponto de recaída do discurso althusseriano destes anos: o problema do Estado.

Stalinismo e ditadura do proletariado.

Já antes do artigo publicado no Manifesto, na verdade, por meio da crítica ao stalinismo era do Estado que Althusser falava. Quando retoma a crítica ao abandono da ditadura do proletariado, na

comunicação no XXII Congresso, é o conceito teórico da relação entre tomada do poder e destruição do Estado a ser examinado: não se pode definir um conceito científico e é por esse motivo que a crítica da decisão tomada pelo PCF é reconduzida às suas raízes teóricas. “O abandono de um conceito teórico [a ditadura do proletariado] (que [...] não é possível pensar, somente, por si mesma, mas faz parte de um todo juntamente com outros conceitos) não pode ser objeto de uma decisão política”³⁰. Se é evidente que o conceito de ditadura do proletariado pode ser pensado somente em relação a outros conceitos, em especial ao conceito de Estado e de transição (socialismo), pode suscitar alguma perplexidade a afirmação, suspeita de teorismo, da indecisão de um conceito. Quando Althusser escreve que “todo o materialista sabe, depois de Galileu, que o destino de um conceito científico não pode constituir o objeto de uma decisão política”³¹, obviamente ainda está tomado pelo dispositivo que o levava, nos ensaios dos anos 60, a sustentar com força a validade em si dos conceitos científicos da teoria marxiana, antes e acima dos fatos políticos a eles ligados³², alavancando a tese pela qual a ciência não deve responder a não ser a si própria, aos seus próprios critérios internos de validação. Para além dos problemas epistemológicos que esta posição traz consigo, e além da constatação que a auto-crítica althusseriana não se libertou do teoricismo que caracterizava os primeiros escritos³³, aquilo que aqui nos interessa é colocar esta declaração no interior do nosso discurso, a fim de torná-la inteligível. Efetivamente, trata-se de uma afirmação que permanece enigmática se não for colocada em relação com uma distinção precedente. Pouco antes Althusser sustenta que o abandono da ditadura do proletariado da parte do PCF é um “ato simbólico”³⁴, que tem o objetivo de romper com um certo passado, particularmente com aquilo que a ditadura significou na experiência da União Soviética³⁵. Assim, seguindo uma operação clássica nas análises althusserianas³⁶, o problema é reconduzido a uma defasagem entre a palavra e o conceito: o termo ditadura, para o congresso, indica *outro* que o seu conceito. Na verdade, aquilo que Marx quer indicar no *Manifesto* com a expressão “ditadura de classe” é a “dominação de classe” da burguesia, em conseqüência “ditadura do proletariado” equivale a “dominação de classe do proletariado”, enquanto para o Congresso o termo ditadura é tomado no sentido despótico e anti-democrático³⁷. Embora não o admitindo com clareza, o PCF, ao levar para a ordem do dia a necessidade de rejeitar a ditadura, em realidade rompe não com um dos conceitos-chave do marxismo, mas sim com a política staliniana. Os adeptos do abandono da ditadura do proletariado “diziam [...] sem o dizer: “Ditadura = stalinisme”. Na realidade diziam: “Nós não queremos mais aquele socialismo, nunca”.³⁸ O XXII Congresso levanta a possibilidade de uma passagem pacífica ao socialismo e abre a idéia de construir uma ampla frente de alianças.

Portanto, é nessa perspectiva que deve ser lida a proibição de fazer de um conceito teórico o objeto de uma decisão política: o termo ditadura indica dois objetos diversos, um teórico e outro histórico, e somente sobre este último se pode intervir com um ato político³⁹. Portanto, se se acolhe positivamente a recusa da ditadura assim como é imposta na experiência concreta dos países socialistas, por outro é necessário manter o conceito marxiano de ditadura do proletariado que, enquanto conceito científico, é eficaz para além de seu destino histórico.

Podemos tentar definir separadamente os dois objetos mas, como vimos, também o “desvio staliniano” tem raízes na teoria marxiana, ou melhor, nas suas lacunas e, portanto, faz um todo com a questão do Estado, do qual a ditadura do proletariado é elemento crucial. “Pode-se “abandonar” a ditadura do proletariado: encontramos - la desde que se fale do Estado e do socialismo”⁴⁰. Vejamos em que sentido.

Antes de tudo, devemos perguntar-nos por qual parte da concepção staliniana de ditadura o PCF toma distanciamento. Althusser afirma que o XXII Congresso não fez outra coisa que retomar, colocando em uma nova conjuntura, algumas teses clássicas de Marx e de Lênin: principalmente a *possibilidade* da passagem pacífica ao socialismo e a necessidade de ampliar a frente de alianças. O uso da violência não é necessário para a tomada do poder, mas sim depende das “circunstâncias” ou seja, da posição que o proletariado assume em relação à burguesia na “situação revolucionária”; são as relações de força existentes que decidem as formas de ação revolucionária⁴¹ e, além disso, “nem Marx e nem Lênin fixaram formas de ação como absolutamente obrigatórias para tomada do poder e do Estado”⁴². Dado que as circunstâncias parecem ser favoráveis, seja para a potência da classe proletária, seja pela crise do imperialismo, e visto que, nem Marx nem Lênin haviam excluído como linha de princípio a possibilidade de uma passagem pacífica ao socialismo⁴³, a escolha do PCF parecia ser sensata e não diferia dos cânones do marxismo ortodoxo. “Uma relação de força nova deixa perceber uma perspectiva sem precedente: pela primeira vez na história, a passagem ao socialismo pode ser pacífica e democrática”⁴⁴. Alinhada com os princípios do marxismo-leninismo aparece também a questão das alianças: criar uma ampla frente de alianças em torno da classe operária é de vital importância para direcionar a favor do proletariado a situação revolucionária.

O mérito do congresso, portanto, é de haver dissipado esses erros, que se haviam cristalizado na teoria e na prática dos partidos comunistas a partir da teoria e das práticas stalinianas, por meio da recusa “paradoxal”⁴⁵ da ditadura do proletariado. Mas nem o stalinismo nem o *conceito* de ditadura do proletariado podem ser reduzidos a isso: ambos são reconduzidos ao coração das intervenções althusserianas destes anos, ou seja, à questão do Estado como Estado ampliado.

Estado e sociedade civil

Havendo já há algum tempo desligado a tragédia do stalinismo da “violação da legalidade socialista” e do “culto da personalidade”, liquidados como conceitos ideológicos estranhos ao marxismo⁴⁶, Althusser retoma com força o problema na intervenção na qual é chamado a responder pela tese apresentada em Veneza, vinculando ao próprio stalinismo uma concepção errada de ditadura do proletariado, possível a partir do silêncio de Marx sobre o Estado. “Esta questão do Estado, é hoje vital para o movimento dos trabalhadores e popular: vital para compreender a história e o funcionamento dos países de Leste, onde, longe de minguar, o Estado se fortalece da sua fusão com o Partido”⁴⁷. E na resposta de 1978, será ainda mais claro: “Se o partido se faz Estado, temos a U.R.S.S.”⁴⁸.

Portanto o stalinismo é, nos seus efeitos, fusão de Estado e Partido, que envolve a falta de decadência do Estado burguês por obra do proletariado. Nesta afirmação são enunciadas duas teses: 1) a ditadura do proletariado, enquanto *dominação* de classe coincide com o socialismo⁴⁹; 2) dado que o socialismo, enquanto fase de *transição*, encontra a própria razão de ser somente na perspectiva da passagem ao comunismo, o Partido, enquanto instrumento da destruição da forma de dominação burguesa, deve permanecer *fora do Estado* para que este possa enfraquecer-se em toda a sua forma⁵⁰. É no abandono desses princípios do marxismo, ou seja, do caráter transitório do socialismo e da exterioridade política do Partido em relação ao Estado que consiste, em última análise, a essência do stalinismo, que assim demonstra ter ainda uma eficácia específica sobre a direção do movimento comunista, condicionando evidentemente as posições do XXII Congresso. Trata-se agora de dar conta, do ponto de vista teórico, do papel crucial que tais equívocos assumem para o futuro da classe operária.

Antes de mais nada o socialismo vem apresentado pelo PCF como se fosse um modo de produção estável, parando e corroborando assim, também na teoria, aquilo que de fato acontecia nos países socialistas, tirando-lhes a sua função principal, ou seja, de ser um período de transição contraditória entre o capitalismo e o comunismo. “Para Marx e Lênin não existe o modo de produção socialista, não há relações de produção socialistas, de direito socialista, etc. [...]. O Socialismo é o período onde coexistem de maneira conflituosa elementos capitalistas [...] elementos comunistas”⁵¹.

Esta concepção do socialismo que se encontra em Marx e que Althusser define completamente original⁵², incorpora-se à tese pela qual não é somente o Estado burguês a dever ser destruído, mas também o novo Estado revolucionário o qual, inicialmente necessário para mediar a transição que vimos ser contraditória, é destinado a desaparecer como “*não é somente o Estado burguês que é opressivo, mas todo o Estado*”⁵³. A tese do “fim de todo Estado” não repousa sobre um utópico “fim de toda forma de organização”, que entraria em contradição com toda a estrutura teórica de Althusser, o qual, rejeita também a hipótese de um fim das relações de produção e da política, bem como da supressão das regras⁵⁴. Esta tese, pelo contrário, depende da recusa de uma concepção de Estado como instrumento neutro; o Estado, assim como o conhecemos, com os seus aparelhos, incorpora-se à classe dominante: a forma do domínio burguês coincide com a sua substância e por esse motivo é impossível esvaziá-la para depois “preenchê-la” com o domínio proletário se não por um breve período de transição. “Para Marx, os aparelhos de Estado não são instrumentos neutros, mas aparelhos repressivos e ideológicos orgânicos de uma classe: a classe dominante”⁵⁵.

Este valor imediato de classe do Estado, entendido como “Estado ampliado”, tem efeitos específicos tanto nos países socialistas quanto nos países capitalistas.

No mundo ocidental, segundo Althusser, o Estado sempre foi “ampliado”, no sentido que a sociedade política (o Estado) sempre tendeu a penetrar profundamente a sociedade civil.⁵⁶ A distinção entre sociedade civil e Estado, portanto a autonomia da “esfera política”, pertencem sem resíduos à ideologia burguesa, na forma de ideologia jurídica; com efeito, o domínio de uma classe não se efetua somente através de “formas consagradas como políticas pela ideologia burguesa”⁵⁷, mas também e

sobretudo na sociedade civil, através da ideologia, na existência material dos Aparelhos Ideológicos de Estado⁵⁸. Da tese sobre a existência material do Estado nos seus Aparelhos, ou seja da afirmação de que tudo é político, deriva a impossibilidade de declarar qualquer forma de “autonomia da política”. E mais, aquilo que é afirmado com força é a autonomia do Partido: a única possibilidade de sucesso do movimento operário de tomar o poder consiste em colocar-se fora do Estado e, tendo o Estado invadido cada espaço do “todo social”, ao Partido não resta nada mais que constituir-se como organização radicalmente autônoma⁵⁹.

O partido e a destruição do Estado

Retornamos, assim, à questão da fusão staliniana de Partido e Estado. “Por *princípio*, atendendo à razão de ser político e histórico, o partido deve estar *fora* do Estado, não somente sob o Estado burguês, mas com mais razão sob o Estado do Proletariado”⁶⁰.

Nos países socialistas, a necessidade de separar o Partido do Estado está vinculada à própria ordem de motivos. A destruição do Estado deve passar pela transformação radical dos seus aparelhos; sendo todos os aparelhos expressão do domínio burguês, seria na verdade impossível não reproduzir a mesma forma de domínio sem tê-las revolucionado. E para revolucionar todos os aparelhos **do** Estado, dada a sua presença em todos os níveis da formação social, é necessária uma força que seja estranha ao poder estatal, mesmo quando a classe no poder é o proletariado, pois os aparelhos sobre os quais se exerce o poder são ainda resíduos da dominação burguesa e tem a sua própria eficácia específica. O socialismo é um período essencialmente instável, “où la lutte de classes subsiste sous des “as formas transformadas” [...] que podem, segundo a relação de forças e o sentido de prosseguir, ou regredir para o capitalismo, ou *patinar* em formas rígidas, ou ainda progredir para o comunismo”⁶¹. O perigo de “regressão” também está ao centro de uma passagem crucial do artigo de 1966 sobre a Revolução Cultural.

É claro que esta possibilidade de retornar ao modo de produção precedente depois de se ter revolucionado a estrutura econômica, não poderia ocorrer senão sobre a base de uma concepção particular das relações entre as instâncias do todo social, particularmente da eficácia específica da superestrutura e da sua relativa autonomia. A Revolução Cultural vem saudada com entusiasmo por Althusser, precisamente porque prevê a formação de organizações que agem externamente e sobre a superestrutura; na verdade, não basta mudar as relações de produção mas é necessário revolucionar também as ideologias enquanto os aparelhos ideológicos, que sempre são aparelhos de Estado, têm a sua eficácia específica. O pressuposto de todas as reflexões do biênio 76-78 é expresso em palavras claras já em 1966. “Eis o ponto essencial: a tese da regressão supõe que, em uma certa conjuntura da História de países socialistas, *o ideológico* possa ser o ponto estratégico, onde tudo se decide [...]. É na luta ideológica de classe que se joga a sorte (progresso ou regressão) de um país socialista”⁶². Esta eficácia do ideológico, continua Althusser, não contradiz a teoria marxiana da *determinação* em última instância do econômico, pois aqui se trata apenas de uma *dominação* temporária de uma instância, seja ela política ou ideológica, válida

em um determinado modo de produção e em uma dada conjuntura histórica⁶³; vale dizer, para utilizar a terminologia de *Pour Marx*, sem prejuízo da contradição principal, uma contradição secundária pode chegar a uma posição dominante. Em 1978, o movimento da contradição dominante torna-se possível também no Estado burguês e o mérito de haver tentado manter a exterioridade do partido é atribuída precisamente a Mao. “O partido deve ser o instrumento número um da destruição do Estado burguês, antes de se tornar (em pontilhado) *um* dos instrumentos do definhamento do Estado. A exterioridade política do partido a respeito do Estado é um princípio fundamental que podemos encontrar em raros textos de Marx e de Lênin sobre a questão. (Arrancar o partido ao Estado para o colocar entre as massas foi a tentativa de Mao na revolução cultural)”⁶⁴.

Significativamente, as pesquisas com as quais Althusser invade o debate marxista dos anos 60, apresentadas nos ensaios *Contradiction et sur détermination* e *Sur la dialectique matérialiste*, começam precisamente da proposta de enfrentar seriamente, filosoficamente, a tese contida no opúsculo de Mao *Sul la contraddizione*, na tentativa de ler sob uma luz diversa, não hegeliana, a contradição em Marx⁶⁵.

Não podemos analisar aqui o problema da diferença entre o conceito **de** determinação e o de dominação, mas podemos detectar que, sem dúvida alguma, é um ponto muito delicado. E é precisamente sobre este ponto assim delicado que Althusser funda a sua análise sobre o Estado.

Conclusão

A crise de 1976 representa, para o movimento comunista internacional, um momento potencial de mudança revolucionária e, ao mesmo tempo, é na realidade o último efeito do desvio staliniano. O paradoxo consiste no fato que o XXII Congresso, enquanto recusa a ditadura acredita ter fechado as contas com a experiência soviética dos anos trinta, de fato, não conseguindo identificar a essência dos crimes do stalinismo, coloca-se perfeitamente em alinhamento com o desvio staliniano. A crise dos anos trinta é um ponto fundamental de articulação precisamente porque ela continua a agir – na forma de erros teóricos – na crise dos anos 70 e nas escolhas do movimento comunista internacional. A recusa do uso da violência não é mais que uma questão lateral e, sobretudo, contingente, da experiência soviética, enquanto dependente das relações de força em jogo nas diversas situações revolucionárias; enquanto uma concepção distorcida do socialismo, como modo de produção estável e mesmo como objetivo final da luta política, perpetua o erro fundamental da política staliniana, que consiste na fusão de Partido e Estado, confusão que, por sua vez, repousava sobre uma concepção errada de Estado, entendido como neutro. Como sabemos, tal erro tornou-se possível pela ausência de uma teoria marxista do Estado. A promessa de Althusser, rejeitada nos fatos, era de conseguir colocar ao menos as bases para a construção, depois da *crítica da economia política*, de uma *crítica da política*⁶⁶. Esta pretensão repousava evidentemente sobre o conceito de sobredeterminação, o único que podia justificar em âmbito marxista a relativa autonomia das instâncias do “todo social”. Seria necessário perguntar-se, enfim, se esta falência, que não se refere a Althusser mas a todo o movimento comunista, não tenha a sua origem precisamente no estranhamento e

na inconciliabilidade desta concepção à teoria de Marx e se portanto não esteja na própria lógica do marxismo que a uma crítica da economia política não seja seguida uma crítica da política.

Notas:

- ¹ Dottorando in «Forme e storia dei saperi filosofici nell'Europa moderna e contemporanea», Paris IV-Sorbonne / Università del Salento (2009-). Cultore della materia in “Filosofia della storia” presso l'Università di Napoli “Federico II” (2009-). Borsa annuale, dell'Università di Salerno, di Perfezionamento all'estero, svolto presso l'École Normale Supérieure de Paris (2009-2010). Laurea in Filosofia presso l'Università di Napoli “Federico II”, votazione 110/110 *cum laude* (2008).
- ² Ana Paula Schlesener traduziu o texto do italiano para o português. As passagens em francês foram traduzidas por Maria de Fátima Rodrigues Pereira. É possível conferir a tradução com a versão original do autor publicada nesta edição de *Germinal* com o título *Crisi del marxismo e stalinismo: Note su alcune posizioni di Louis Althusser – 1976-1978*.
- ³ Refiro-me a proposta de periodização das obras de Althusser assim feita recentemente por Gregory Elliott em *The Day of Reckoning: Althusser in his Limits, in Rileggere Il Capitale. La lezione di Louis Althusser*. Venezia, 9-10-11 novembre 2006. Atti Del convegno – parte prima, a cura di Maria Turchetto, Milano 2007. A operação concluída por Elliott imita aquela que Althusser havia exposto no Prefácio a *Por Marx*, com a diferença que o seu objetivo não é “localizar uma descontinuidade epistemológica entre o jovem Althusser e o Althusser maduro, ou entre o Althusser do meio e o ultimo Althusser, mas indicar descontinuidades conceituais e, com isso, fazer emergir uma ou mais continuidades” (Idem, p. 135). Portanto, os períodos identificados com base na continuidade/descontinuidade conceituais são cinco: 1945-1950 (obras de juventude), 1950-1959 (obras da ruptura), 1960-1975 (obras da maturidade), 1976-1978 (obras de transição), 1979-1986 (sobre materialismo aleatório). O período de “transição” que tomo em consideração é particularmente significativo porque, diferentemente do outro período político (1967-1975, classificado como momento da maturidade), entre 1976 e 1978 Althusser intervém diretamente no debate político sobre questões na ordem do dia a partir do 22º Congresso do PCF. Embora este seja “um novo período” não tanto de autocritica quanto de “auto-desconstrução – e auto-destruição – do althusserianismo” e embora apresente uma “problematização radical da cientificidade do próprio marxismo” (G. Elliott, op. Cit. p. 136), veremos como se pode traçar, precisamente nestes escritos, o efeito político das posições teóricas expressas nas obras de maturidade.
- ⁴ L. Althusser, 22 Congrès, Paris 1977.
- ⁵ Com o vigésimo segundo congresso (Saint-Ouen, 4-8 fevereiro 1976), o Partido Comunista Francês, dirigido naquele momento por Georges Marchais, efetua uma mudança importante com o abandono da categoria “ditadura do proletariado”, um dos pilares do marxismo-leninismo. Distancia-se, assim, das diretivas soviéticas, marcando tal escolha com a adesão explícita ao Eurocomunismo, simbolicamente expressa no slogan “Vive Le socialismo aux couleurs de La France”. Cfr. *Le socialisme pour La France. 22ème Congrès – Parti Communiste Français*, Paris 1976; e pelas intervenções, o documentário filmado 22ème Congrès, Socialisme ET Liberte, 1976.
- ⁶ L. Althusser, 22 Congrès, cit., p. 10.
- ⁷ Ibidem (o grifo é meu).
- ⁸ Id., Sur La Révolution Culturelle, “Cahiers Marxistes-Léninistes” 13-14 (1966), p. 6.
- ⁹ Ivi, p. 7.
- ¹⁰ Cfr. E. Balibar, Althusser ein Denken an den Grenzen, in “KulturRevolution”, n. 20 (1988); em francês in: “Lés Temps Modernes”, n. 509 (1988); agora in Pour Althusser, Paris 1991; trad. It. Di A. Catone, Roma 1991, PP. 13-41.
- ¹¹ L. Althusser, 22 Congrès, cit., p. 10.
- ¹² Ivi, p. 11.
- ¹³ Ivi, PP. 11-12.
- ¹⁴ Ivi, p. 26 (o grifo é meu).
- ¹⁵ Cfr. Ivi, p. 11.
- ¹⁶ Id., Enfin La crise Du marxisme!, in Pouvoir ET opposition dans Le sociétés post-révolutionnaires, Paris 1977; trad. it. Finalmente qualcosa di vitale si libera dalla crisi nella crisi Del marxismo, (relatório ao encontro de Veneza, novembro 1977), “Il Manifesto” 16 novembre 1977; depois in: AA.VV. Potere e opposizione nelle società post rivoluzionarie. Una discussione nella sinistra, Quaderno n.8 de “Il Manifesto”, Roma 1978, p. 223; também em L. Althusser, Solitude de Machiavel, p. 269.
- ¹⁷ Id., Sur La philosophie, Paris 1994; tad. It. Sulla filosofia; introdução e organização de Aldo Pardi, Milano 2001, p. 41.
- ¹⁸ Id., Enfin La crise Du marxisme!, ci., p. 273.
- ¹⁹ Cfr. Ibidem.
- ²⁰ Ibidem.
- ²¹ Ibidem.
- ²² A. Negri, Pour Althusser. Notes sur l'évolution de La pensée Du dernier Althusser, in Futur antérieur, Sur Althusser. Passages, L'Harmattan, Paris 1993.
- ²³ L. Althusser, Enfin La crise du marxisme!, cit., p. 274.
- ²⁴ Ibidem.

- ²⁵ Ivi, p. 226. Interessante notar que, algumas linhas mais adiante, Althusser nos sugere uma incompletude inevitável de qualquer teoria: “Além disso, que coisa pode querer dizer, para um materialista, uma teoria pura e completa?” (Ibidem), perspectiva que a distancia das teses dos ensaios dos anos '60, onde o objetivo das investigações consistia precisamente na tentativa de preencher as lacunas presentes na Teoria da prática teórica de Marx.
- ²⁶ Cfr. Id., *Enfin La crise du marxisme*, cit., p. 275.
- ²⁷ O erro de Marx consistiria no início de *O Capital*. Ter começado com a forma mercadoria teria viciado toda a argumentação, deixando na margem as análises concretas e históricas; por este motivo, para evitar uma leitura errônea, Althusser aconselha saltar a primeira seção do primeiro livro do *Capital*, para retomá-la apenas no final, quando para o leitor estiver claro o conceito de forma mercadoria na sua diferença específica com o objeto mercadoria. Cfr. Id., *Chronologie et avertissement*, in K. Marx *Le Capital*, I, Paris 1969; e também Id., *comment lire 'Le Capital'*, “L'Humanité” 21 março 1969; ripr. In: Id., *Positions*, Paris 1976.
- ²⁸ *Enfin La crise...*, cit., p. 276.
- ²⁹ Ibidem.
- ³⁰ Id., 22 *Congrès*, cit., p. 32.
- ³¹ Ivi, p. 33.
- ³² Cfr. Id., *Préface: Du 'Capital' à la philosophie de Marx*, in L. Althusser, J. Rancière, P. Macherey, E. Balibar, R. Establet, *Lire le Capital*, vol. I, Paris 1965; nova ed. Paris 1966, pp. 1-80. A tese da ‘internalidade’ dos critérios de cientificidade vem de fato expressa em fortes palavras neste ensaio: “Ce n'est pas La pratique historique ultérieure qui peut donner à la *connaissance* que Marx a donné ses titres de connaissance: le critère de la « vérité » des connaissances produites par La pratique théorique de Marx est fourni par La pratique théorique elle-même (...). C'est La pratique théorique de Marx qui est le critère de la « vérité » des connaissances produites par Marx” (Ivi, p. 66) A expressão mais eficaz desta crítica à ciência experimental a encontramos algumas linhas mais acima: “C'est parce que la théorie de Marx était “vraie” qu'elle a pu être appliqué avec succès, ce n'est pas parce qu'elle a été appliquée avec succès qu'elle vraie » (ibidem).
- ³³ In Id., *Elements d'auto-critique* (Paris 1974), Althusser havia tentado dar conta do erro que viciava os ensaios recolhidos em *Pour Marx* e em *Lire le Capital*, um erro que se reunia em torno a dois termos, estruturalismo e teoricismo. Apesar de negar de haver colocado na obra os conceitos do estruturalismo, admite por outro lado de haver cedido a uma tendência teorcionista, em particular no que se refere as relações que a ciência inaugurada por Marx, o materialismo histórico, estabelecia com os processos históricos e os fatos políticos. Tendência da qual, como vimos, nunca se distanciou completamente.
- ³⁴ Cfr. Id., 22 *Congrès*, cit., p. 32.
- ³⁵ Na realidade Althusser admite, durante o congresso não se faz explícita a referência à URSS. O passado do qual se declara querer tomar distancia refere-se somente às ditaduras do mundo ocidental, Hitler, Mussolini, Franco, Pinochet, etc. Na realidade, por traz dessa negação, Althusser vislumbra outra coisa: a negação de um certo socialismo, assim como foi imposto por Stalin. Cfr. Ivi, PP. 30-33.
- ³⁶ A idéia de que muitos problemas teóricos nasçam de resíduos terminológicos que não são adequados aos conceitos que designam é o centro das reflexões do ensaio introdutório a *Lire le Capital*, cit.
- ³⁷ Cfr. Id., 22 *Congrès*, cit., pp. 41-42.
- ³⁸ Ivi, p. 31.
- ³⁹ Movemo-nos aqui num plano no qual é lícita a distinção entre político e teórico. Porém vale a pena recordar que um dos maiores desafios de Althusser consiste precisamente em pensar como inseparáveis as duas categorias e a distinção tem um valor somente nos limites nos quais evidencia a impossibilidade de uma utilização instrumental da teoria por parte da política. Mas o fato que os conceitos teóricos não possam ser objeto de uma instrumentalização política, enquanto são verdadeiros ou falsos independentemente da sua utilização, não significa afirmar a separação entre teórico e político. Mais, o teórico, embora não podendo ser utilizado para fins externos, tem sempre, na sua própria constituição, valor político. É na própria determinação da teoria que intervém o extra-teórico, que atribui ao próprio conceito, tomado em si, eficácia política imediata. Cfr. A Cavazzini, *Louis Althusser: dall'epistemologia storica all'archeologia del sapere*, in: *Rillegere il Capitale. La lezione di Louis Althusser*. Venezia, 9-10-11 novembre 2006. Anais do Encontro – primeira parte, aos cuidados de Maria Turchetto, Milano 2007, PP. 61-80.
- ⁴⁰ L. Althusser, 22 *Congrès*, cit., p. 33.
- ⁴¹ “C'est quand le rapport des forces de la lutte des classes bascule en faveur des masses populaires que s'ouvre une “situation révolutionnaire”: mais c'est aussi le rapport des forces qui décide des formes d'action révolutionnaire possibles et nécessaires. Quand la bourgeoisie est politiquement en état d'employer la violence, quand elle l'emploie, alors les masses ne peuvent répondre autrement que par la violence révolutionnaire. Mais si, au terme d'une longue lutte des classes et de lourds sacrifices, le rapport des forces se trouve, ici ou là, à la fois hautement favorable au prolétariat et aux travailleurs unis, et hautement défavorable à l'impérialisme mondial et à la bourgeoisie nationale, alors le passage pacifique et même démocratique devient possible et s'impose” (ivi, p. 43).
- ⁴² Ivi, p. 43.
- ⁴³ Cfr. Ivi, PP. 43-44.
- ⁴⁴ Ivi, p. 26.
- ⁴⁵ Ivi, p. 47.
- ⁴⁶ Cfr. Id., Reply to John Lewis (Self Criticism), “Marxism Today” 10-11 (1972), PP. 310-318, 343-349; ripr. In Id., Réponse à John Lewis, Paris 1973. “Le XX Congrès s'est donc contenté de dénoncer des faits relevant des pratiques de la superstructure juridique, mais sans le mettre en rapport (...) avec 1) le reste de la superstructure (...) et 2) l'infrastructure” (ivi, p. 67). E já neste escrito emerge a ligação essencial entre o stalinismo e a questão do Estado, como confirma a passagem seguinte: “Au lieu de mettre les “violations de la légalité socialiste” en rapport 1) avec l'Etat, plus le Parti, et 2) les rapports de classe et la lutte de classe, le XX Congrès les a mises en rapport avec... le culte de la personnalité”, c'est-à-dire avec un concept dont j'ai déjà dit, dans *Pour Marx*, qu'il était ‘introuvable’ dans la théorie marxiste, et dont on

-
- peut bien dire maintenant qu'il est parfaitement 'trouvable' ailleurs: dans la philosophie et l'idéologie psycho-sociologiste bourgeoise" (ivi, p. 66).
- ⁴⁷ Id., *Enfin la crise...* p. 277.
- ⁴⁸ Id., *Le marxisme comme théorie finie*, cit., p. 290.
- ⁴⁹ "Le socialisme fait un avec La dictature Du prolétariat" Id., 22 *Congrès*, cit., p. 49).
- ⁵⁰ Cfr. Id., *Le marxisme comme théorie finie*, cit., p. 291.
- ⁵¹ Id., 22 *Congrès*, cit., p. 49.
- ⁵² Cfr. Ivi, p. 50.
- ⁵³ Ivi, p. 53.
- ⁵⁴ Cfr. Id., *Le marxisme comme théorie finie*, cit., pp. 290-292. Como exemplo, "La destruction de l'Etat bourgeois n'est pas la suppression de 'toute règle' du jeu" (ivi, p. 291) ; ou ainda, falando da antecipação da sociedade comunista : « Et si cette société est enfin libéré de l'Etat, il n'est pas possible di dire qu'elle verra la fin de La politique" (ivi, p. 292).
- ⁵⁵ Id., 22 *Congrès*, cit., pp. 54-55.
- ⁵⁶ Cfr. Id., *Le marxisme comme théorie finie*, cit., p. 288. Althusser atribui a Gramsci o mérito de haver entendido que, dada a compenetração de sociedade civil e Estado, "tudo é político" (ibidem).
- ⁵⁷ Ivi, p. 289.
- ⁵⁸ Sobre a importância da ideologia para o Estado na sua "existência material" nos aparelhos Ideológicos de Estado, cfr. Id., *Sur la reproduction*, Paris 1995.
- ⁵⁹ "Sans cette autonomie Du parti (ET non de La politique) par rapport à l'Etat, on NE sortira jamais de l'Etat bourgeois" (Id., *Le marxisme comme théorie finie*, cit., p. 290).
- ⁶⁰ Ibidem.
- ⁶¹ Id., 22 *Congrès*, cit., p.49.
- ⁶² Id., *Sur la Révolution Culturelle*, cit., p. 12.
- ⁶³ Cfr. Ivi, p. 13.
- ⁶⁴ Id., *Le marxisme comme théorie finie*, cit., p. 290.
- ⁶⁵ Cfr. Id., *Contradiction et surdétermination (Notes pour une recherche)*, "La Pensée" n. 106 (1962), PP. 3-22; ripr. In *Pour Marx*, Paris 1965; nova Ed. 1996, p. 92; ainda cfr. *Sur la dialectique matérialiste (De l'inégalité des origines)*, "La Pensée" n. 110 (1963), PP. 5-46; ripr. In *Pour Marx*, cit., PP. 198-224.
- ⁶⁶ "De même que Marx a présenté consciemment *Le Capital* comme 'critique de l'Economie politique', nous devons parvenir au but qu'il n'a pu atteindre: une 'critique de La politique'" (L. Althusser, *Le marxisme comme théorie finie*, cit., p. 287).